



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9252 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT17 - Filosofia da Educação

OBEDIÊNCIA E DESOBEDIÊNCIA NO COTIDIANO DA ESCOLA: DIÁLOGOS
ENTRE A PSICANÁLISE HUMANISTA DE ERICH FROMM E A PEDAGOGIA
LIBERTADORA DE PAULO FREIRE

Davi Fernandes Costa - Universidade Ibirapuera

OBEDIÊNCIA E DESOBEDIÊNCIA NO COTIDIANO DA ESCOLA: DIÁLOGOS ENTRE A PSICANÁLISE HUMANISTA DE ERICH FROMM E A PEDAGOGIA LIBERTADORA DE PAULO FREIRE

Resumo: Essa pesquisa integra parte de um estudo em torno das narrativas do cotidiano, que busca aproximar o pensamento de Erich Fromm e Paulo Freire para a compreensão dos efeitos da obediência e da desobediência na realidade da escola, a partir da percepção de que esses encontros ocorridos entre os diferentes sujeitos do ambiente escolar se constituem enquanto reprodução das relações sociais entre opressores e oprimidos. Considerando a compreensão Fromminiana de obediência/desobediência a partir de uma relação dialética que influencia o pensamento de Paulo Freire e que pode trazer elementos para a construção de caminhos para uma educação libertadora.

Palavras-chave: Educação, psicanálise, obediência, desobediência, cotidiano.

A palavra obediência vem do latim e não remete à ideia de submissão, como pode parecer a princípio, mas sim à ideia de “saber escutar”. Na escola, ambiente no qual a escuta é tão necessária, o debate sobre alunos “obedientes” e “desobedientes” pode ser ouvido em qualquer canto e desperta grandes debates.

Esta discussão conceitual, aqui apresentada, faz parte de uma pesquisa ao redor das narrativas cotidianas e sobre como a obediência/desobediência aparece no cotidiano escolar e se desdobra na realidade dos sujeitos envolvidos. A perspectiva desses conceitos parte das obras de dois autores: Paulo Freire e Erich Fromm.

É importante ressaltar que obediência e desobediência não se apresentam explicitamente como conceitos desenvolvidos para Paulo Freire. No entanto é possível verificar outras ideias e pensamentos que orbitam em torno deles. E a partir dessa perspectiva que esta pesquisa buscou dialogar.

Em várias obras o pensador brasileiro cita Fromm diretamente (FREIRE, 1993; 2018; 2019). Mas isso não é tudo. É possível afirmar que ambos possuem teorias que contribuíram

para a área das Ciências Humanas a partir de pontos de contato semelhantes. A aproximação do pensamento desses autores vem sendo realizada por algumas pesquisas no Brasil e no exterior (BORGHETI, 2015; LAKE & DAGOSTINO, 2013; LIRA, 2015; PRETTO & ZITKOSKI, 2016) demonstrando essa aproximação a partir de temas como a questão dos oprimidos, a influência do capitalismo nas relações humanas, a valorização diálogo.

O diálogo subtende uma necessária abertura ao outro. Essa abertura é, para ambos, crucial na construção da autonomia. Como aponta Borgheti (2015) o diálogo é fundamental no processo de educação para autonomia e para a construção de uma sociedade democrática e tanto Freire como Fromm concordavam com isso.

Sendo assim, é possível dizer que, no ambiente escolar, o diálogo ou ausência dele é ponto chave nos diferentes encontros que surgem no cotidiano. Se a educação pode, de alguma forma colaborar para a construção de uma sociedade democrática, é por meio do diálogo que se estabelecem as pontes para isso, Freire (2019) concorda com isso.

Erich Fromm (1986; 1989; 2013), no decorrer de sua obra, problematiza constantemente questões como autoridade, obediência, submissão. Por meio da análise do caráter e da influência que a sociedade exerce sobre o sujeito, buscou não apenas compreender por que o sujeito obedece, mas como suas escolhas representam uma relação inconsciente com o mundo.

Fromm (1989) demonstra como, por muitos anos, figuras representativas como os sacerdotes, os senhores e os patrões tentavam reforçar a ideia de que a obediência era uma virtude, algo elogiável e benéfico, e, por outro lado a desobediência seria um defeito, algo a ser evitável a todo custo.

Por outro lado, o autor ressalta (FROMM, 1989) o lado positivo da desobediência, dizendo que a história da humanidade estaria fortemente relacionada com ela e isso está representado em diversos mitos, nesse caso os exemplos utilizados são os mitos gregos e hebraicos: “Prometeu” e “Adão e Eva”. Dessa maneira não entende o conceito enquanto pecado, mas enquanto dádiva libertadora.

Indo além, Fromm (1989) destaca o lado perigoso da obediência e considera que não é impossível que a humanidade acabe com um funcionário obediente, seguindo ordens de seu superior e apertando o botão que dispararia a explosão nuclear ou algo do gênero. Aqui podemos lembrar dos burocratas que cometeram atrocidades contra outras pessoas e, em seus julgamentos, argumentaram que estavam seguindo ordens, citando o famoso caso de Adolf Eichmann como exemplo.

Fromm (1989), no entanto, não sugere que toda obediência seja algo nefasto e negativo, e nem que a desobediência seja plenamente positiva e construtiva, mas sim, que há uma relação dialética entre as duas situações. Se alguém só pode obedecer, então é um escravo. Se pode apenas desobedecer é um rebelde, ou seja, e diferentemente do revolucionário que luta em prol de um princípio ou uma causa, o rebelde age por sentimento de ódio e de ressentimento, é escravo desses sentimentos que o dominam.

Para evitar confusões, Fromm (1989) estabelece então uma separação entre obediência heterônoma e obediência autônoma. A obediência heterônoma tem relação com a submissão a uma pessoa ou instituição, nela o sujeito renuncia a sua autonomia ou vontade. Na obediência autônoma o que guia o sujeito é sua própria razão ou convicção, é a ela que ele deve obediência, dessa maneira se diferenciando do ato de submissão. Assim sendo, imaginando que o sujeito está seguindo suas próprias ideias e não as de outro, obedece a si mesmo, obedece apenas metaforicamente. Para compreender a perspectiva de Fromm sobre a

obediência é necessário explicar também o que entende por consciência e autoridade.

Com relação ao conceito de consciência, Erich Fromm (1989) entende que há dois fenômenos muito diferentes. No primeiro temos a “consciência autoritária”, que é uma voz interna que todos possuem, anseiam por agradar e temem por não satisfazer. É o que Freud (2011) chamou de “supereu” em sua segunda tópica. No segundo fenômeno temos a “consciência humanística”, que é a consciência, também presente em todas as pessoas, baseada em nosso conhecimento intuitivo daquilo que é humano e desumano, daquilo que favorece à vida e daquilo que a destrói. É uma voz que nos leva ao encontro de nós mesmos.

Negando que a obediência a alguém seja necessariamente submissão e citando especificamente a relação professor-aluno, Erich Fromm (1989) afirma que, nesse caso, o que temos é “autoridade racional”, enquanto, por exemplo, a relação senhor-escravo estaria baseada em uma “autoridade irracional”. Mesmo que nas duas relações haja o pressuposto de que a autoridade seja aceita, quando pensamos na idealização da relação professor-aluno estamos pensando em dois sujeitos que caminham na mesma direção, com um mesmo objetivo, o que evidentemente não ocorre na relação senhor-escravo. Outra diferença importante é que o professor utiliza a razão e fica feliz quando o aluno atinge o objetivo pretendido; já o “senhor” utiliza a força para manter o escravo aprisionado.

Fromm (1983) relaciona a questão da obediência/desobediência com a liberdade, a partir da compreensão de que a pessoa pode ser livre quando aprende a dizer não ao poder estabelecido. Entretanto é necessária a possibilidade da desobediência para que possamos falar em liberdade. Quando se tem medo à liberdade, não é possível ter coragem de dizer não. Dessa maneira, o autor estabelece como condição fundamental da desobediência, a liberdade. Liberdade e desobediência seriam, dessa maneira, indissociáveis.

Considerando o pensamento de Fromm (1983), é possível dizer que há uma cultura da obediência que vem sendo carregada como fardo por certos grupos humanos e imposto por outros grupos. São os grupos historicamente oprimidos a quem é dado a obrigatoriedade da obediência e imposto o silêncio.

Mas o silêncio e obediência impostos não vem apenas pela força, inclusive esse é o método menos produtivo porque pressupõe uma tensão. Há muito mais eficácia quando se faz o sujeito cobrar a si mesmo pela obediência.

Podemos dizer que, para Erich Fromm, há interesse entre os grupos economicamente dominantes que os oprimidos sejam obedientes a todo custo. Entretanto, se a obediência for imposta pela força haverá sempre o perigo de uma reação iminente. Por isso, é mais interessante que essa obediência seja incutida na mente daqueles que são explorados. Incutida de tal forma que sintam que as autoridades sejam revestidas de algo que se assemelhe a algo divino, transcendental, quem sabe algo parecido com um “mito”.

Já em Paulo Freire o conceito de obediência não aparece explicitamente, mas permeia outros conceitos bastante utilizados pelo autor, como a domesticação. O domesticar por meio de uma obediência cega desumaniza o sujeito e o impede de caminhar rumo a sua autonomia.

Freire (1996; 2019) valoriza o diálogo. Mas não qualquer diálogo. É fundamental que exista um “diálogo crítico e libertador, por isto mesmo que supõe ação” (Freire, 2019, p. 72). Para que isso ocorra é fundamental que não se trate o oprimido como alguém que deva ser salvo, como um objeto a ser resgatado. O pensamento de Freire aproxima-se sempre de um movimento dialético, sendo isso visível em afirmações como “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (Freire, 2019, p. 95). Então ninguém “libertará” o oprimido, a não ser ele mesmo, em comunhão com

outros oprimidos.

É importante ressaltar que para Freire (2019) há uma lógica de contradição que permeia a relação entre opressores e oprimidos. Essa relação desumaniza a ambos, os oprimidos que sofrem, mas também aos opressores que causam tamanho dano. É nesse sentido que o autor afirma que a tarefa da libertação está nas mãos dos oprimidos que, se libertando, libertam também os opressores, dessa maneira, restaurando a humanidade de ambos. E isso se dá porque são os oprimidos que podem compreender verdadeiramente sua condição e sua necessidade de libertação dentro dessa sociedade (FREIRE, 2019).

Sendo assim, é na desobediência dos oprimidos perante a opressão que se constrói a resistência e a destruição dos grilhões impostos pelos opressores. Apenas os oprimidos podem mostrar o caminho para essa libertação. Nesse sentido que Freire estabelece que sua pedagogia é realizada com o oprimido e não para o oprimido.

Por outro lado, é importante ressaltar que há o risco dos oprimidos, quando saem de sua posição de explorados, se tornarem opressores ainda maiores que seus antigos capatazes. Freire (2019) nomeia essa situação de “aderência ao opressor”.

Esse é um dos pontos da obra de Paulo Freire na qual encontramos uma aproximação explícita a Erich Fromm, já que Freire (2019) considera que é o medo à liberdade que habita o oprimido é o que leva a querer ser o opressor ou o mantém obediente as correntes da opressão.

A prescrição, como base da mediação opressor-oprimido é algo semelhante a ideia de Erich Fromm de uma obediência que não se dá necessariamente pela força. Nesse caso, Paulo Freire chama de consciência “hospedeira”, aquilo que faz com que o oprimido obedeça ao comportamento esperado pelo opressor.

Essa obediência vem acompanhada do medo à liberdade, justamente porque impede o pensamento que contradiga o opressor. Leva os oprimidos a pensarem que a luta pela sua libertação colocaria em risco o grupo todo. Esse processo desumaniza a todos porque bloqueia o natural desejo da humanidade em se desenvolver ou, em termos freirianos, *ser mais*.

Enquanto os oprimidos não se dão conta da exploração, a obediência é absoluta, pois há uma compreensão fatalista da história, “mais ainda, provavelmente assumam posições passivas, alheadas, com relação à necessidade de sua própria luta pela conquista da liberdade e de sua afirmação no mundo” (FREIRE, 2019, p. 71).

Os caminhos propostos por Freire (2019) para isso passam por uma pedagogia do oprimido que caminhe rumo à libertação por meio de uma práxis coerente com a realidade. Por meio de dois momentos, o primeiro com os oprimidos desvendando a opressão e buscando a transformação e o segundo com a real transformação dessa realidade.

Nesse ponto, Freire chama novamente a atenção para a necessidade de uma libertação que não seja apenas para o oprimido, mas para todos. Para uma humanidade que poderá usufruir de uma libertação constante. Sendo assim, a desobediência é um dos propulsores para o caminho da luta pela libertação.

Freire (1993; 1996; 2014; 2019) dialoga amplamente com os conceitos de Fromm, principalmente no que tange o medo à liberdade (FROMM, 1983) que coloca o ser humano em uma posição complexa de se sentir sozinho no mundo após a queda das correntes que o prendiam na Idade Média. Esse sentimento de solidão, que pode levá-lo a seguir figuras autoritárias que se assemelham ao pai protetor.

A partir do pensamento de ambos é possível considerar que a construção possível de um mundo mais justo, mais democrático, pode nascer na relação dialética entre obediência/desobediência e a escola pode colaborar nessa construção, desde que seja um ambiente no qual obedecer/desobedecer sejam problematizados e desenvolvidos, não apenas elogiados ou castigados. Dessa forma é possível colaborar com caminhos para a construção da autonomia dos que frequentam o ambiente escolar.

Referências

BORGHETTI, R. **Paulo Freire e a Psicanálise Humanista**. Curitiba: Appris, 2015.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 44. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2014.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 71. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

_____. **Política e Educação: ensaios**. São Paulo: Cortez, 1993

FREUD, S. **O eu e o id: Autobiografia e outros textos**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2011.

FROMM, E. **Rever Freud: por uma outra abordagem em psicanálise**. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

_____. **Sobre la desobediencia y otros ensayos**. Buenos Aires/Barcelona/México: Paidós Studio, 1989.

_____. **O medo à liberdade**. 14. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

LAKE, R; DAGOSTINO, V. **Converging Self/ Other Awareness: Erich Fromm and Paulo Freire on Transcending the Fear of Freedom**. In: LAKE, R; KRESS, T (org). Paulo Freire's Intellectual Roots: Toward Historicity in Praxis. New York: Blomsbury Publishers, 2013.

LIRA, A. M. **Paulo Freire e Erich Fromm: convergências e divergências**. Dissertação (Mestrado em Educação) – UNICAMP, Campinas, 2015.

PRETTO, F. L; ZITKOSKI, J. **Por uma educação humanizadora: um diálogo entre Paulo Freire e Erich Fromm**. Ver. Ciên. Hum. Educ. Frederico Westphalen, 2016.